

FUTEBOL NA DÉCADA DE 1980: INICIAÇÃO ESPORTIVA, ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE E CARREIRA ESPORTIVA

Michael Fernandes de Almeida¹, José Luiz Serpa Junior¹, Simone Verreschi da Silva¹
Renato de Sousa Almeida², Enrique Osvaldo Cimaschi Neto²

RESUMO

A iniciação esportiva e a especialização precoce são temas muitos discutidos atualmente em várias áreas da Educação Física. A idade ideal para o início do treinamento, a pedagogia correta, a postura do técnico, o volume de treinamento, são algumas das questões em maior discussão. Porém, vários destes estudos são realizados com atletas das décadas recentes. Este estudo analisou a carreira de ex-jogadores de futebol que disputaram o Campeonato Paulista e que tiveram sua iniciação no esporte na década de 1980. Os objetivos do estudo foram: a) levantar dados relativos ao nível de escolaridade; b) identificar fatores relevantes na sua iniciação esportiva inicial; c) verificar o grau de apoio dos pais durante a carreira profissional; d) analisar a carreira esportiva dos entrevistados. A amostra foi composta por 8 ex-jogadores profissionais de futebol, todos do sexo masculino e com média de idade de $50 \pm 7,2$ anos. Foi utilizado para a coleta de dados um questionário adaptado de Marques e Samulski (2009). Os resultados encontrados mostram que a maioria dos ex-atletas possui o Ensino Superior de escolaridade e que aprenderam a jogar bola na rua. A média de idade do grupo estudado para a iniciação esportiva no futebol foi de 14,6 anos ($\pm 3,2$). Os pais deram apoio maior aos filhos nas questões que não envolviam o aspecto financeiro. Houve mudança no círculo social após a profissionalização esportiva. Os amigos eram os maiores conselheiros acerca de assuntos futebolísticos e ajudar a família era o principal objetivo para se tornar profissional. As lesões foram a principal causa do término da carreira esportiva.

Palavras-chave: Iniciação esportiva; especialização precoce; carreira esportiva.

SOCCER IN THE DECADE OF 1980: SPORTING INITIATION, PRECOCIOUS SPECIALIZATION AND SPORTING CAREER

ABSTRACT

The sporting initiation and the precocious specialization are themes many discussed now in several areas of the Physical education. The ideal age for I begin him/it of the training, the correct pedagogy, the technician's posture, the training volume, they are some of the subjects in larger discussion. However, several of these studies they are accomplished with athletes of the most recent decades. This study analyzed the soccer former-players' career that you/they argued at least the Championship From São Paulo and that you/they had his/her initiation in the sport in the decade of 1980. The objectives of the study were: the) to lift relative data at the education level; b) to identify relevant factors in his/her initial sporting initiation; c) to verify the degree of the parents' support during the professional career; d) to analyze the interviewees' sporting career. The sample was composed by 8 professional former-players of soccer, all male one and with average of $50 \pm 7,2$ year-old age. it was used for the collection of data an adapted questionnaire of Marques and Samulski (2009). The found results show that most of the former-athletes possess the education Higher education and that you/they learned how to play ball in the street. The average of age of the group studied for the sporting initiation in the soccer was of 14,6 years ($\pm 3,2$). The parents gave larger support to the children in the subjects that didn't involve the financial aspect. There was change in the social circle after the sporting professionalization. The friends were the largest counselors concerning subjects futebolísticos and to help the family was the main objective to become professional. The lesions were the main cause of the end of the sporting career.

Keywords: Sporting initiation; precocious specialization; sporting career.

INTRODUÇÃO

Os talentos para o esporte estão espalhados por todo território nacional. Segundo Apolo (2007), eles surgem das favelas, da pobreza, ou seja, da dificuldade de ter o que fazer nos bairros de periferia. Porém, muitos nascem com características físicas perfeitas para determinados esportes, mas não com a habilidade

que deverá ser desenvolvida. Sendo assim, as escolinhas de esportes são responsáveis por oferecer a oportunidade de aprender o movimento perfeito e a iniciação apropriada dos mais variados esportes.

Todavia, o esporte é composto de uma imensa complexidade, envolvendo componentes físicos, motores, cognitivos, psicológicos e sociais. Dessa forma, a iniciação esportiva apropriada está relacionada com a agregação entre tais demandas e o estágio de desenvolvimento biológico em que o praticante se encontra (TANI, 2001).

A iniciação esportiva deve proporcionar à criança condições harmoniosas para que elas se tornem praticantes, de forma regular e sistemática, da atividade física ao longo de sua vida. A ênfase neste momento deve ser dada à individualidade da criança e na manutenção da ludicidade na atividade física, com o intuito de adquirir, manter ou melhorar a saúde do indivíduo, respeitando os desenvolvimentos motor, cognitivo, afetivo e social (BERGAMIN, 2007).

Segundo Dantas (2003), a iniciação esportiva propõe uma preparação geral da criança em idade escolar e pré-escolar (7-12 anos), enfatizando o treinamento da coordenação motora, flexibilidade, resistência muscular localizada e a capacidade aeróbia, através de atividades naturais, proporcionando aos alunos as mais diversas experiências motoras.

Durante a iniciação esportiva deve ser utilizado o treinamento generalizado, com o objetivo de desenvolver uma variedade de habilidades motoras que promoverão um amplo conhecimento das capacidades funcionais para suas necessidades individuais na fase posterior que é a especialização esportiva (GRECO, 1998 apud BERGAMIN, 2007).

A especialização esportiva compreende o treinamento de capacidades e habilidades específicas e o plano técnico de um único esporte, pois, o tempo para treinamento utilizado para esse desenvolvimento é grande, devido ao fato de objetivar o alto rendimento em competições que acontecem com relativa frequência (BERGAMIN, 2007).

Paes (1996) relata que a criança deve conhecer o maior número de modalidades possível, antes de procurar se especializar em uma modalidade específica, proporcionando assim, uma própria oportunidade de escolha.

Para Pine (1983 apud BERGAMIN, 2007), a iniciação deve acontecer por volta dos 11 anos de idade. Em contrapartida, Tani *et al.*, (2006, apud BERGAMIN, 2007) citam que a iniciação esportiva deve ocorrer o mais precocemente possível, justificando-se que a prática do esporte desde a cedo poderá propiciar à criança inúmeros benefícios.

Contraopondo essa ideia, Borges *et al.*, (1990 apud ARENA e BOHME, 2000), não estabelecem idades específicas para o início do treinamento esportivo, porém alertam para o treinamento e as competições não devem ser apenas preestabelecidos com base na idade cronológica da criança, mas também em outros aspectos como características físicas, emocionais e maturacionais.

Dentre as várias escolinhas de esportes que visam à iniciação esportiva, as escolas de futebol se destacam, devido ao fato de que o futebol é um fenômeno cultural no Brasil e um esporte de muita viabilidade econômica, que depende apenas de uma bola, alguns jogadores, possui regras fáceis de serem entendidas e modificadas e pode ser praticado em diversos locais (BERGAMIN, 2007).

Quanto ao processo de detecção, seleção e aproveitamento dos talentos, o sistema ainda se mostra muito precário. O processo mais comumente utilizado são as chamadas “peneiras” ou “peneiradas”, onde vão eliminando se a grande maioria para conseguir-se um grupo de qualidade. Porém, este processo exclui muitos atletas uma vez que são selecionados pelo que apresentam na hora, sob pressão e com um tempo irrelevante (APOLO, 2007). Segundo Becker Junior e Telöken (2008), este processo de “peneira” só não ocorre em escolinhas esportivas particulares, cujo objetivo e interesse são a manutenção do número máximo de crianças a qualquer custo.

Toda carreira esportiva passa por fases variadas, desde a iniciação até a aposentadoria. Os atletas passam por processos de captação e seleção, por longos períodos de formação, envolvendo treinamento e competições extenuantes, socializam-se no ambiente desportivo, podendo atingir ou não o alto nível, finalizando com o término da prática sistemática do desporto (SALMELA, 1994 apud MARQUES e SAMULSKI, 2009).

Porém, parece haver poucos estudos sobre a carreira esportiva nas décadas passadas, o que pode permitir uma compreensão dos modelos anteriores e a discussão com os atuais. Como se dava o processo de iniciação e especialização esportiva no futebol na década de 1980? Assim sendo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o processo de iniciação e a especialização esportiva no futebol de ex-atletas profissionais na década de 1980.

MÉTODOS

Este estudo foi realizado com oito ex-atletas profissionais, da modalidade esportiva futebol, todos do sexo masculino, com média de idade de 50 anos ($\pm 7,2$). Todos participantes residiam em cidades do Vale do Paraíba. Como critério de inclusão foi utilizado a participação em pelo menos um Campeonato Paulista (FPF).

Para investigar os objetivos propostos foi utilizado o questionário modificado de Marques e Samulski (2009). O questionário era composto por 17 questões, das quais 16 eram de alternativa e uma de enumeração de acordo com o grau da resposta, correspondendo o número 1 a nenhum apoio e 5 a total apoio.

Os indivíduos da amostra foram consentidos e livremente esclarecidos sobre os objetivos, procedimentos e da participação voluntária na pesquisa. Os dados coletados na presente pesquisa foram organizados pela frequência e percentual, apresentados na forma de tabelas. Utilizou-se o programa Microsoft Office Excel para o cálculo de média e desvio padrão.

Os clubes defendidos pelos sujeitos foram: Serra Negra Futebol Clube (SP), Mogi Mirim Esporte Clube (SP), São José Esporte Clube (SP), Cruzeiro Futebol Clube (SP), Esporte Clube Taubaté (SP), São Paulo Futebol Clube (SP), Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (RS), Volta Redonda Futebol Clube (RJ), Fluminense Foot-Ball Club (RJ) e Associação Esportiva Santacruzense (SP), onde 62.5% da amostra atuaram em pelo menos três times.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que cinco indivíduos da amostra possuem nível de escolaridade no Ensino Superior, dois possuem Ensino Médio e apenas 1 indivíduo tem formação somente no Ensino Fundamental. Barbosa e Carvalho (2008), em estudos realizados com 27 atletas do Ipatinga Futebol Clube - MG encontraram valores distintos para os níveis de escolaridade, onde 63% da amostra tinham o Ensino Médio, 29.6% o Ensino Fundamental e apenas 7.4% possuíam Ensino Superior. Wyllemann e Lavalée (2004 apud MARQUES; SAMULSKI, 2009) afirmam que jovens envolvidos em esportes competitivos tem dificuldades em conciliar estudos e vida esportiva. Porém, é importante ressaltar que nessa questão os entrevistados deveriam marcar o nível de escolaridade atual, o que pode ter ocasionado essa diferença nos percentuais dos níveis de escolaridade, uma vez que os entrevistados poderiam ter cursado o Ensino Superior após o término da carreira esportiva.

Todavia, se uma carreira esportiva não der certo, a escolaridade, a formação esportiva inicial, o tipo de suporte familiar e social e o planejamento de carreira realizado pelo atleta serão de extrema valia para que ele possa lidar com as frustrações, ou seja, as possibilidades negativas (MARQUES e SAMULSKI, 2009).

Quando indagados se tiveram contato com outro esporte anteriormente ao futebol, cinco indivíduos da amostra afirmaram não ter tido nenhum contato com outro esporte e o restante, teve contato com a prática do futsal e/ou voleibol. Para Salmela *et al.*, (2003 apud MARQUES e SAMULSKI, 2009), já era de se esperar que não houvesse um contato diversificado de esportes na fase de experimentação, mas que do ponto de vista motor, é possível a experimentação de várias atividades dentro do próprio futebol. A prática em ambientes variados, como a praia, rua, várzea, quadra de futsal e o futevôlei, e o emprego de diferentes tipos de bolas (borracha, meia, plástico), podem oferecer uma diversidade motora comparável a diferentes práticas desportivas.

O estudo indica que a maioria dos ex-atletas (sete indivíduos), aprendeu a jogar bola na rua, apenas um participante aprendeu a jogar bola em clube. Evidentemente, nas décadas passadas, o crescimento urbano não tinha tomado grandes proporções e verificava-se uma maior prática do futebol em campos da várzea e "terreiros", como são chamados os campos de futebol desprovidos de grama. Outros estudos (RODRIGUES, 2003; MARQUES e SAMULSKI 2009) apontam a rua como local onde jogadores de futebol profissional tem o primeiro contato com o futebol.

Outro ponto interessante é a ausência de menção das escolinhas de futebol. Segundo Scaglia (1996), as escolas de treinamento desportivo tiveram uma grande proliferação a partir dos anos de 1990, utilizando-se até hoje da imagem de ex-jogadores como marketing, tornando a iniciação e o treinamento desportivo, que antes era privilégio de prefeituras e clubes, em empresas com fins lucrativos.

De acordo com os resultados apresentados na TABELA 1, tem-se que sete indivíduos começaram a ter treinos regulares após os 10 anos, onde a média de idade foi de 14,6 anos ($\pm 3,2$). Drubsky (2003 apud MARQUES e SAMULSKI, 2009) disserta que a iniciação ao treinamento especializado deva ocorrer dos 13 aos 15 anos, como encontrado nesta pesquisa. Essa especialização não precoce colabora para que a criatividade não seja desestimulada ou inibida ao longo do treinamento (MARQUES e SAMULSKI, 2009).

A partir do momento em que os jovens garotos são indicados a um clube, eles passam por um processo de seleção denominado “peneira”, na qual ele é avaliado e decide-se se fará parte da equipe ou não. Na amostra estudada, a média de idade em que os jogadores fizeram o primeiro teste foi de 15,6 anos ($\pm 3,1$). Em estudos realizados por Marques e Samulski (2009), foram encontrados garotos que fizeram até 10 testes para entrar na equipe. Em nosso estudo não foi verificado o número de peneiras que os entrevistados realizaram.

Segundo Marques e Samulski (2009), o longo processo seletivo pelo qual o jovem atleta passa é extremamente conturbado, envolvendo uma série de conflitos e de obstáculos, como a separação da família e dos amigos (meio social), a dificuldade de continuar os estudos, o alto grau de cobrança nos treinos e a continuidade de sua carreira esportiva.

Como se verificou no estudo, todos os indivíduos assinaram seu primeiro contrato como profissional com idade superior a 15 anos. Tal achado está dentro dos padrões adotados atualmente. Após a promulgação da Lei Pelé em 1998, os jovens futebolistas só podem assinar seu primeiro contrato após os 16 anos de idade. Para Hernandez *et al.*, (2004) é importante ressaltar que é na categoria juvenil (17-19 anos) que os jogadores enfrentam o momento mais importante da sua vida, podendo se profissionalizar ou não, provavelmente necessitando de status/sucesso para confirmar seu potencial. Ainda segundo os autores, nesse estágio da adolescência culmina todo processo de maturação biopsicossocial do atleta. Para Marques e Samulski (2009), uma das características da transição da fase amadora para a profissional é que ela ocorre em função do nível de performance do atleta e caso não seja selecionado, o indivíduo poderá ser forçado a parar de jogar involuntariamente se uma equipe não acolhe-lo.

Quando questionados sobre qual era a expectativa deles em ser jogador de futebol, cinco dos entrevistados responderam “ajudar a família” como principal objetivo da carreira. Porém, em estudo realizado por Ryska (2003 apud HERNANDEZ *et al.*, 2004) em que avaliou, dentre outras coisas, a orientação da motivação como preditoras da prática esportiva em 391 jovens, de 10 a 15, de ambos os sexos, praticantes de competições extracurriculares de variados desportos, inclusive o futebol, mostraram que razões intrínsecas e autoestima, além do domínio da tarefa, foram mais preditoras de diversas dimensões da prática desportiva do que objetivos extrínsecos, como busca de status social e status na carreira, que contribuíram de forma mais discreta.

Para Hernandez *et al.*, (2004), a motivação pode ser classificada de acordo com sua fonte. Podem ser oriundas de fontes externas e da tarefa, como elogios, demonstrações de sucesso e dinheiro, e de fontes internas, resultantes da estrutura psicológica do indivíduo e de suas necessidades pessoais de sucesso, reconhecimento e sociabilidade.

Tabela 1. Tempo de início do treinamento, teste profissional, filiações a federação e profissionalização (n=8).

Questões	<10 anos	10 - 15 anos	> 15 anos	Média \pm DP
Com quantos anos começou a ter treinos regulares	1 (12.5%)	4 (50%)	3 (37.5%)	14,6 \pm 3,2
Com quantos anos fez o primeiro teste	1 (12.5%)	1 (12.5%)	6 (75%)	15,6 \pm 3,1
Com quantos anos federou na primeira equipe	-	1 (12.5%)	7 (87.5%)	17,3 \pm 3,9
Com quantos anos assinou o primeiro contrato como profissional	-	-	8 (100%)	18,9 \pm 1,8

Dados expressos em porcentagem e números absolutos.

Quando consultados sobre quem era o maior conselheiro acerca de assuntos futebolísticos, metade dos entrevistados afirmaram ser um amigo e apenas um indivíduo afirmou serem os pais. Segundo Paes *et al.*, (2008), toda prática esportiva oferecida para as crianças são permeadas por ações adultas e, os pais, dirigentes e técnicos, são responsáveis por influências e interferências que irão afastar ou aproximar o jovem do esporte, sendo ainda determinantes para quais valores da prática esportiva serão agregados aos praticantes. De acordo com as categorias descritas por Byrne (1993 apud MOTA, 2005) sobre o envolvimento

dos pais na carreira desportiva dos filhos, os pais de nossa amostra encontram-se na categoria de sub-envolvimento e na subcategoria “pais mal informados”, onde os pais aceitam a prática desportiva do filho, mas não sabem da importância de seu apoio em tais atividades. A segunda opção mais indicada pelos entrevistados foi a figura do técnico (2 indivíduos).

Sabemos que ao longo dos anos 70 e 80, os profissionais da área de Educação Física tiveram uma formação profissional baseada no esportivismo e no mecanicismo, onde a técnica refinada e perfeita era considerada como fator principal, dando-se valor aos gestos estereotipados e mecanizados, onde importava apenas a competitividade esportiva e a busca da vitória (BETTI, 1991 apud LAVOURA *et al.*, 2008). Ainda sobre a figura do técnico, Sarrazin *et al.*, (2002 apud BARA FILHO e GARCIA, 2008) descreve que o técnico tem importante função para o sucesso de jovens atletas, pois são os principais responsáveis pelo desenvolvimento dos treinos, do bom ambiente no grupo, reconhecimento e avaliação do rendimento. Dessa forma, para o sucesso da equipe, era necessário um diálogo corrente entre o atleta e seu técnico.

Quando questionados sobre a sobrevivência financeira, cinco indivíduos garantiram ter sobrevivido financeiramente apenas com a prática esportiva do futebol, sete indivíduos deixaram de fazer algo ao longo da sua vida em virtude do futebol e cinco indivíduos estão relacionados ao futebol profissional atualmente.

Sabe-se que atualmente uma pequena parcela dos jogadores profissionais recebe salários milionários. Segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF, 2004), dos 14.678 jogadores profissionais inscritos no ano de 2004, por volta de 60% dos jogadores ganhavam até um salário mínimo por mês. Ao compararmos este valor com o estudo em questão, verificamos que o mesmo não devia ocorrer ou os salários eram mais nivelados na década de 80, uma vez que a maioria dos entrevistados sobreviveu apenas com a prática esportiva do futebol.

Vários estudos apontam sobre a dificuldade de conciliar a vida esportiva com realizações pessoais. Segundo McPherson, Curtis e Loy (1989 apud ROSE JUNIOR *et al.*, 2001), a competição esportiva exige dos atletas uma alta dedicação, muitas vezes exclusiva, dependendo do nível do mesmo. Com a grandeza do número de sessões de treino no futebol, que muitas vezes são realizadas em dois períodos, e o processo de reclusão, conhecido popularmente como concentração, torna-se difícil a realização de metas pessoais fora da vida de atleta (KOCIAN *et al.*, 2008).

Nosso estudo corrobora com os achados de Agresta *et al.*, (2008), que em sua pesquisa acharam que a maioria dos indivíduos, ex-jogadores profissionais de futebol, exerce uma profissão ligada ao futebol, como técnicos, auxiliares técnicos e comentaristas esportivos.

Quando indagados sobre qual profissão teriam escolhido caso não fossem jogadores de futebol, três indivíduos nunca tinham pensado em outra profissão. Algumas características sofridas por atletas na transição para o encerramento da carreira foram apontadas por Stambulova (1994 apud BARROS, 2008), das quais se destacam começar uma nova carreira profissional e adaptar-se a um novo estilo de vida e de relacionamentos. Sobre o tópico em discussão, Agresta *et al.*, (2008) afirmam que a maior parte dos atletas não nota a importância de outras fontes de identificação em distintas esferas da vida (outra profissão ou outra atividade), indispensáveis para a manutenção do equilíbrio pessoal durante e após o término da carreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, a presente pesquisa conclui que o processo de iniciação e especialização esportiva no futebol ocorreu na idade correta nas décadas de 1980, não caracterizando a especialização precoce, fato que parece ocorrer atualmente, apesar de não ser investigado na presente pesquisa.

Como o estudo foi realizado em um número reduzido de participantes, sugere-se que o mesmo se estenda a um número maior de ex-jogadores profissionais de futebol, para que se possam estabelecer com maior precisão, como se dava o processo de iniciação desportiva dos mesmos nas décadas passadas. Tais resultados são elementos indicadores da iniciação esportiva passada, do processo de especialização e das fases de transição da carreira esportiva.

REFERÊNCIAS

- AGRESTA, M. C.; BRANDÃO, M. R. F.; BARROS NETO, T. L. Impacto do término da carreira esportiva na situação econômica e profissional de jogadores de futebol profissional. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 16(1), p. 29-38, 2008.
- ARENA, S. S.; BOHME, M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**. V.2, n.14, p. 184-194, 2000.
- APOLO, A. **A criança e o adolescente no esporte**: como deveria ser. São Paulo: Phorte, 2007.

BARA FILHO, M. G.; GARCIA, F. G. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 4, p.293-300, out./dez., 2008.

BARBOSA, B. T. C.; CARVALHO, A. M. Incidência de lesões traumato-ortopedicas na equipe do Ipatinga Futebol Clube - MG. **Movimentum** – Revista Digital de Educação Física. Ipatinga: Unileste – MG, v. 3, n.1, fev./jul., 2008.

BARROS, K. S. Recortes da transição na carreira esportiva. **Revista Brasileira de psicologia do esporte**, vol.2, no.1, p.01-27, jun., 2008.

BECKER JUNIOR, B.; TELÖKEN, E. A criança no esporte. In: MACHADO, A. A., **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 17-34.

BERGAMIN, L. F. **Iniciação esportiva do futebol na cidade de Bauru/SP**. Bauru: UNESP (monografia de graduação), 2007.

Confederação Brasileira de Futebol (CBF 2004). Disponível em www.cbf.com.br. Acesso em: 15/11/2009.

DANTAS, E. H. M. **Prática da preparação física**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

HERNANDEZ, J. A. E.; VOSER, R. C.; LYKAWKA, M. G. A. Motivação no esporte de elite: comparação de categorias do futsal e futebol. **Lectures Educación Física y Deportes**. www.efdeportes.com. Buenos Aires, ano 10, n. 77, outubro de 2004. Acesso em 23/11/2009.

KOCIAN, R. C.; MACHADO, A. A.; MOIOLI, A.; CAMPOS, M. A. S. A reclusão esportiva e os jogadores de futebol: considerações sobre a iniciação esportiva. In: MACHADO, A. A., **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 183-194.

LAVOURA, T. N.; PRESOTO, D.; MACHADO, A. A. Reflexões acerca da especialização esportiva precoce: atribuição aos fatores externos. In: MACHADO, A. A., **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 85-96.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento de carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n.2, p. 103-119, abr/ jun, 2009.

MOTA, S. G. **Estudo dos motivos que levam os jovens ao abandono da prática do basquetebol no distrito do Porto**: um estudo comparativo entre jovens de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos. Porto: UP (monografia de graduação), 2005.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do Basquetebol**. 3ª edição. Campinas: editora da Unicamp, 1996.

PAES, P. R.; FERREIRA, H. B.; GALATTI, L. R.; SILVA, Y. P. G. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva infantil: as inter-relações entre dirigente, família e técnico. In: MACHADO, A. A., **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 49-65.

RODRIGUES, F. X. F. A profissão de jogador de futebol: uma análise da formação profissional do jogador de futebol no SC Internacional (1997-2002). **Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT**. 2003.

ROSE JUNIOR, D. D.; DESCHAMPS, S. R.; KORSKAS, P. O jogo como fonte de stress no basquetebol infanto-juvenil. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 1, n. 2, p. 36-44, 2001.

SCAGLIA, J. A. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Motriz**, v. 2, n. 1, p. 36-43, 1996.

TANI, G. A criança no esporte: Implicações da iniciação esportiva precoce. In KREBS, R.J.; COPETTI, F.; ROSO, M.R.; KROEFF, M.S.; SOUZA, P.H. (Orgs.). **Desenvolvimento infantil em contexto**. Livro do Ano da Sociedade Internacional para Estudos da Criança. Florianópolis: Editora da UDESC, p. 101-113, 2001.

¹ Graduado em Licenciatura e Bacharel em Educação Física – Escola Superior de Cruzeiro - SP.

² Escola Superior de Cruzeiro - ESEFIC e Universidade de Taubaté – UNITAU.